

PALAVÓDROMO

Tudo começou com a descoberta do livro “A palavra é de ouro”, peça de teatro de Augusto Abelaira, onde se equaciona a privatização das palavras.

Pensei em estratégias para ultrapassar as limitações da linguagem, assim como uma reflexão sobre a mesma. O texto a que cheguei mostra o que pode ser uma composição poética emancipada do vocabulário existente, da gramática e da fonética.

Uso neologismos (ou neolusismos) de Regina Guimarães, Saguenaíl, Nuno Moura, Francisco Laranjeira e meus.

Os vídeos para o “Palavódromo” são de Ana Deus e Tiago Afonso. Glossolálias de Maio Afonso e Rosa Afonso.

PAM | Paulo Ansiães Monteiro

Exposição patente de 18 outubro a 9 novembro 2019



Direção do MIRA FORUM | Manuela Matos Monteiro, João Lafuente
Assistente de galeria e Comunicação | Patrícia Barbosa
Fotografia e vídeo | Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, José Vaz e Silva

Rua de Miraflor nº 155 | Campanhã, Porto
<http://miragalerias.net>
929 113 431 / miraforum@miragalerias.net
Terça a sábado, das 15:00 às 19:00 / Entrada livre!



PALAVÓDROMO

NÃO PODEMOS PENSAR
EM COISAS PARA AS
QUAIS NÃO TEMOS
PALAVRAS.

Kabbaleiro andante

A linguagem frui dessa aporia essencial que só se pode criticar recorrendo à sua mediação instrumental pelo que, sendo juiz em causa própria, o seu processo dá forçosamente lugar a uma absolvição que o deixa incólume. E contudo sabe-se que o signo é por definição arbitrário; que a linguagem assenta num catálogo de convenções, tanto lexicais como sintáxicas e semânticas; que é uma fachada que tem como função primeira legitimar uma lei – fixando uma margem para a contornar, pois é reino do direito do mais forte, que instaura as regras mas não as respeita – ou formular uma mentira; que o espírito se contenta com palavreado – um slogan é mais eficaz do que uma explicação; que o inconsciente pratica trocadilhos sistematicamente, decompondo os vocábulos como peças de lego; etc. O que não impede que, como a um político desonesto e corrupto, estamos constantemente a recorrer à linguagem.

Desde a fase da aprendizagem da leitura e da escrita, a criança tem de abandonar as associações – tais como Kipling as descreve n'«A primeira letra» e n'«O primeiro alfabeto» in «Just So Stories» – entre a forma das letras e o seu lugar e sentido, para submeter o seu pensamento a um código que não inventou. Cada um cultiva, no jardim secreto da sua alma, flores de retórica que terão sabido tocar a sua sensibilidade singular, e um repertório idioletal de fórmulas mais ou menos mágicas. PAM, que não rompeu totalmente com a infância, que pelo contrário a preserva, a alimenta com leituras e a fortifica com conhecimentos heteróclitos, concebe dispositivos visuais – e não tanto «procedimentos» rousselianos, que só podem ser revelados retrospectivamente – para evidenciar a autofagia e constante ressurreição da linguagem.

Traçando sobre páginas impressas, não formas – embora se refira a à Rorschach –, mas fundos de tinta onde bóiam, como ilhas, estilhaços de texto, tapando partes do texto inscrito nas folhas sobrepondo-lhes alguma mensagem em morse, traços e pontos e assim

fazendo com que as técnicas tradicionais da censurem acabem por desvendar as palavras tanto quantos as obliteram, enquanto os cadáveres de vocábulos em decomposição deixam escapar vermes que pululam e tendem a formar novos alfabetos, –, convocando outras escritas, pictogramáticas ou esotéricas, PAM abala a linguagem na sua impostura de instrumento de comunicação mas restitui-lhe poderes gráficos e lúdicos, ou seja poder de fascínio que ela exercia quando ainda não impunha a sua ditadura.

Nas pancartas de PAM, as palavras de ordem desconstruídas perdem a sua função emotiva ou conativa em favor das funções poética e metalinguística, convidando-nos a observar as palavras e ver as suas raízes e ramificações fonéticas e semânticas insuspeitadas. Já não conseguem desempenhar o seu papel instrumental pois toda a enunciação, sob uma aparência afirmativa, se torna hesitação e interrogação. Aquilo que está em causa não é o léxico – que até pode renovar-se ou proliferar – mas antes o código. Encarada como mero objecto estético, a linguagem recupera a sua capacidade encantatória original.

O templo, no presente caso da «arte» há mais de 80 anos, B. Brecht já propunha «o abandono do conceito para preservar a coisa» –, está de há muito ocupado pelos mercadores. Mas bastam alguns «justos» para salvar o universo. Por «justo» entendemos o punhado de criadores que nem procuram glória nem reconhecimento e, interrogando o real e as suas convenções, *produzem obra* para *oferecer* aos seus semelhantes, aos seus irmãos, algum tema de meditação, algum motivo de esperança. PAM, como Regina Guimarães, pertence a esta tribo marginal.